

A história cultural tem uma história

Pascal ORY

Sinal da idade: o autor foi cada vez mais atraído pela epistemologia que suscita comumente a ironia, ou seja, o medo entre os historiadores. Este texto recente aprofunda a síntese, publicada em 2004, sob a forma de um *Que saisje****. Ele remete, veremos, a uma enquete internacional sobre a história, à qual será, sem dúvida, conveniente denominar – logo, programar como – “ciências da cultura”.

Ao contrário das aparências, não se pode ainda compreender uma história da história cultural; pôde-se, pelo menos, fazer o seu histórico. Entendamos, portanto, que a maior parte dos textos epistemológicos, que a tomam por objeto, direto¹ ou indireto², começa por uma reconstituição de itinerário, fatalmente limitada pelo seu próprio propósito. A observação vale, *a fortiori*, para este pequeno gênero em si: a definição do conceito de cultura³. Os culturalistas estão,

* Texto publicado originalmente na obra *La culture comme aventure, treize exercices d'histoire culturelle*. Paris: Éditions Complexe, 2008. Tradução de André Luiz Joaquinho e Mariângela Peccioli Galli Joaquinho – UEL – Londrina.

** Professor de história cultural junto à Universidade Sorbonne I – Panthéon.

*** Coleção de livros similares aos “Primeiros Passos” da editora Brasiliense (N. T.)

¹ Por exemplo, nos numerosos textos de Roger Chartier sobre o objeto depois de 1989, retomado em sua maior parte no livro *Au bord de la falaise. L'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998.

² Assim é para as entradas consagradas à “história das mentalidades”, por exemplo, em LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Org.), *Faire l'histoire*. Paris: Gallimard, 1994, ou em LE GOFF, Jacques (Org.) *La nouvelle histoire*. Paris: Retz – CEPL, 1978.

³ Sem retornar às *Notes Towards the Definition of Culture*, de ninguém menos que o poeta e prêmio Nobel T. S. Eliot (Londres, 1948), lembremos que o movimento engajado em 1952 com a revista crítica de dois antropólogos, Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn, *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions* (Nova York: Greenwood Press, 1986), prolonga a bibliografia anglo-saxônica até o começo dos anos 1980. A complexidade terminológica não é uma particularidade francesa: em WILLIAMS, Raymond, *Keywords* (New York: Oxford University Press, 1976), o autor nota no verbete “Cultura” que se trata de “uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa” (p. 76).

entretanto, bem situados para saber que um retorno analítico, que seja ainda um pouco crítico, sobre a genealogia de sua prática, é indispensável para a legitimação da cultura sair da era das fundações – para as quais, de resto, este tipo de discussão assinala o fim. Após isto, seria sempre permitido aos nossos sucessores descobrir a parte, necessária, da “invenção da tradição” que está no centro do exercício que aqui será empreendido⁴.

Partirei de outra definição: não aquela dos conceitos em si mesmos, já discutidos inclusive pelo autor destas linhas, mas aquela do espaço-tempo da cristalização. Situa-mos este espaço de um lado ao outro do Atlântico, entre o fim dos anos 1960 e a metade dos anos 1980, antes de retomar a árvore genealógica daquilo que veio a ser a pré-história da história cultural, tal como ela se identifica hoje em dia, e de interrogar, para finalizar, algumas das implicações teóricas que se pode deduzir deste primeiro questionamento. Para cada uma dessas etapas, tentaremos limitar, sempre que possível, o etnocentrismo, sendo entendido que uma das particularidades mais freqüentes desta história como desta historiografia é que elas foram, até muito recentemente, claramente etnocentristas⁵.

A cristalização

O texto mais antigo tem uma característica epistemológica marcada: trata-se do artigo “Histoire culturelle”, publicado em 1969, de autoria de Georges Duby, na *Revue de l'enseignement supérieur*⁶. Dois outros, publicados cinco e oito anos mais tarde, são apenas manuais⁷; eles apresentam

⁴ Se eles conseguirem é porque tivemos sucesso.

⁵ De um lado a outro do Atlântico, Roger Chartier é um dos raros epistemólogos da cultura que manifesta, há vinte anos, uma informação solidamente bicultural.

⁶ *Revue de l'enseignement supérieur*, nº 44-45, 1969, dedicada à história e coordenada por Robert Mandrou. Neste número, Jean Bouvier trata da história econômica e Pierre Chaunu da história geográfica (conceito que não criou raízes como geohistória, proposto por Fernand Braudel no pós-Guerra).

⁷ CRUBELIER, Maurice. *Histoire culturelle de la France, XIXe-XXe siècle*. Paris: Armand Colin, 1974; GERBOD, Paul. *L'Europe culturelle et religieuse de 1815 à nos jours*. Paris: PUF, col. Nouvelle Clio, 1977.

então, como se requer deste tipo de exercício, uma “situação da questão”, o que pressupõe que o campo já está delimitado e já é produtivo. Logo, o que representa o conjunto todo é o caráter errático destas publicações e o fato patente de que, durante a década de 1970, esta produção não mobilizou nenhum movimento historiográfico que se identificasse com ela: foram muitos sinais evidentes de sua falta de legitimidade. O texto de Duby, citado hoje nos históricos, ainda que breve, é pouco observado: datado pelo seu autor, talvez sem intenções, de “Abril 1968” (traduzamos: de antes do Dilúvio), não é publicado senão um ano mais tarde nesta revista pouco lida e pouco comentada⁸. De resto, com o recuo, o verdadeiro manifesto culturalista da referida revista é outro texto intitulado “A história após Freud”. O autor do primeiro manual “histórico”, Maurice Crubellier, é por si só uma personalidade isolada na sociedade universitária francesa⁹, cujo gosto, voltado para a filosofia da história¹⁰ e a filiação proclamada com Pitirim A. Sorokin¹¹ não o fazem sair do isolamento. A seqüência de sua bibliografia e de sua carreira, como a de Paul Gerbod, confirma esta quase-invisibilidade corporativa na época em que triunfa a Escola dos Anais.

⁸ Ainda menos depois Maio 68. Resultado: ela interromperá a sua publicação no número seguinte.

⁹ Professor da Universidade de Reims. Ele defendeu em 1970 na Sorbonne uma tese não classificável e não publicada, iniciada na filosofia, com orientação de Paul Ricoeur e concluída com René Rémond, intitulada, sem outra forma de procedimento, *Histoire et culture* – lembrança, sem dúvida, da iniciada em filosofia – ainda que seu objeto preciso se limite a uma série de pesquisas sobre a história e a cultura na França de 1871 a 1914, mais ou menos entrelaçadas. Este empreendimento foi colocado sob a égide de história cultural, definida como tendo por campo “o aspecto não material da civilização” mas, como disse seu autor, “a universidade, às vezes, não é favorável para compreender os cruzamentos ou interpretações das disciplinas”. Em síntese, é uma inversão.

¹⁰ Fora a história camponesa, sua única obra publicada é *Sens de l'histoire et religion. Auguste Comte, Northrop, Sorokin, Arnold Toynbee* (Paris: Desclée de Brouwer, 1957) dentro de uma perspectiva claramente cristã.

¹¹ O autor de *Social and Cultural Dynamics* (New York: American Book Co, 1937) sem dúvida seduziu Crubellier para a clareza ética que domina a segunda parte de sua obra, o que dificulta a sua recepção nos Estados Unidos após a guerra e o torna largamente indisponível na França, onde ele continua ainda hoje muito pouco conhecido.

Mas, o que dizer, então, do tiro n'água ao qual se remete a publicação de Duby? Isto é bem esclarecido pela situação interna da Escola em questão, no período correspondente à crise, bem conhecido e documentado¹², que viu Fernand Braudel romper clara e vitoriosamente com Robert Mandrou. Esta vitória terminou na auto-marginalização daqueles contemporâneos que puderam desenvolver tal problemática, a saber, Alphonse Dupront e, sobretudo, Charles Morazé, que haviam publicado, em 1948, sob os auspícios de Lucien Febvre, *Trois Essais sur histoire et culture*, debaixo do olhar vigilante de Fernand Braudel¹³. Ora, o pedido do artigo de Duby, como, de resto, o artigo de Dupront, situados em 1967, vinha do mesmo Mandrou, co-autor, dez anos antes, com Duby e com a recomendação de Braudel, da nova versão de *L'Histoire de la civilisations française* da editora Armand Colin, momento de ligação entre um modelo da suposta escola “positivista” e duas jovens esperanças dos *Annales*¹⁴. O famoso número de maio-agosto de 1971 dos *Annales* poderia fazer o balanço das relações, aparentemente tranqüilas, entre historiadores e antropólogos, fazendo a discussão do conceito de cultura: a hora era do debate em torno da *estrutura*¹⁵.

¹²Graças ao dossiê que acompanhou a reedição em 1998 de Robert Mandrou, *L'introduction à l'histoire de la France Moderne*. Paris: Albin Michel, 1998.

¹³Os três textos constituem, em 1948, nada menos que o segundo *Cahier des Annales* (Armand Colin). Coroados por um *avant-propos* de Lucien Febvre, eles proclamam que “a história é, inicialmente, psicologia” (p. 23), que ela “deve ser, antes de tudo, uma história do pensamento, dos modos de pensar” (p. 39), que não é preciso temer “a utilização de Van Gogh para esclarecer a situação econômica” (p. 17): todas as proposições acabaram por cair num vazio profundo, com a ajuda de Fernand Braudel, por um “raciocínio discutível”: “Charles Morazé não criou um método”, etc. Em resumo, melhor vale “trabalhar com os pés no chão” (*Annales*, IV, 1949, p. 311-315). Morazé piora o seu caso com seu *Essai sur la civilisation d'Occidente* (Paris: Armand Colin, 1950), modestamente consagrado ao Homem que diz que “a história da vida espiritual do homem é (...) uma historia natural” (p. 220).

¹⁴A obra de Alfred Rambaud, *Histoire de la civilisation française*, cuja primeira edição foi publicada entre 1885-1887, inicialmente destinada às “escolas primárias”, tinha sido incessantemente publicada até meados dos anos 1930.

¹⁵“Histoire et structure”, *Annales*, 1971, 3-4.

Assim, o decênio de 1970 é o lugar de um desses movimentos paradoxais com o qual a historiografia é generosa: de um lado, ela faz a avaliação da nova formulação, que apresenta uma ausência da síntese das referências do período¹⁶, apontando explicitamente para a fraqueza da noção de “mentalidades”, por trás da qual poderiam ser reconhecidos os analistas¹⁷; de outro, ela vê aparecer um série coerente de trabalhos, de análises ou de sínteses, tendo por objeto o funcionamento seja da sociedade cultural (Daniel Roche, Georges Vigarello¹⁸...), seja, sobretudo, do imaginário social (François Lebrun, Michel Vovelle, Jean-Pierre Vernant e Marcel Détienné, Jean-Claude Schmitt, Pierre Vidal-Naquet¹⁹). A evolução, bem paralela, das bibliografias de Georges Duby, Jean Delumeau, Emmanuel Le Roy Ladurie ou Alain Corbin, partindo cada um de uma tese de doutorado com substrato sócio-econômico e circunscrição regional, para passar em seguida a um questionamento dos sistemas de representações²⁰, toma agora todos os sinais de uma tendência.

¹⁶Em particular as duas obras citadas na nota 3.

¹⁷Desde 1974, a entrada de *Faire l'histoire* sobre “Les mentalités” tem um subtítulo, assinado pelo seu autor, Jacques Le Goff, “Une histoire ambiguë”, in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). *Faire l'histoire III. Nouveaux objets*. Paris: Gallimard, 1974.

¹⁸ROCHE, Daniel. *Le Siècle des Lumières en province. Académies et académiciens provinciaux (1680-1789)*. Paris-La Haye: Mouton, 1978, 2 vol.; VIGARELLO, Georges. *Le Corps redressé. Culture et pédagogie. Histoire d'un pouvoir pédagogique*. Paris: Armand Colin, 1978. Mas, após tudo, ou ainda, antes de tudo, Paul Gebord já havia consagrado sua tese, publicada em 1965, à *La Condition universitaire en France au XIXe siècle*. Paris: PUF, 1965.

¹⁹LEBRUN, François. *Les Hommes et La Mort en Anjou aux XVIIe ET XVIIIe siècles*. La Haye: Mouton, 1971; VOVELLE, Michel. *Piété baroque et déchristianisation. Attitudes provençales devant La mort au siècle des Lumières*. Paris: Plon, 1973; DÉTIENNE, Marcel et VERNANT, Jean-Pierre. *Les Ruses de l'intelligence. La métis chez les Grecs*. Paris: Flammarion, 1974; SCHMITT, Jean-Claude. *Le Saint Lévrier. Guinefort, guérisseurs d'enfants depuis le XIIIe siècle*. Paris: Flammarion, 1979; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Le Chasseur noir. Formes de pensée et formes de société dans le monde grec*. Paris: Maspero, 1981.

²⁰As teses de doutorado tratavam respectivamente sobre Roma, o Beauvais, o Languedoc e o Limousin; as obras de deslocamento são: DELUMEAU, Jean. *La Peur en Occident*. Paris: Fayard, 1978; DUBY, Georges. *Les Trois Ordres ou l'imaginaire du féodalisme*. Paris: Gallimard, 1978; LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Le Carnaval de Romans*. Paris: Gallimard, 1979 e CORBIN, Alain. *Le Miasme et La Jonquille. L'odorat et l'imaginaire social XVIIIe-XIXe siècle*. Paris: Aubier, 1982.

Para que ela se identifique em torno de um sistema conceitual que nos reuniu nestas obras e que, vinte anos mais tarde, impôs-se em território francês a ponto de passar, o que não deixa de ser uma homenagem, por moda e por ser invasora, será preciso ainda um último esforço, aquele que consistirá, de uma vez por todas, em colocar sob este vocábulo um programa de pesquisa coerente, até mesmo sistemático, e a propor os primeiros exercícios práticos. É o que o autor dessas linhas se dá por projeto no início dos anos 70 e que ele realiza num primeiro momento em 1981 – “Pour une histoire culturelle de la France contemporaine²¹” –, e num segundo, dois anos mais tarde – *L’Entre-deux Mai*, tendo por subtítulo *Essai d’histoire culturelle de la France, mai 1968-mai 1981*²². As duas definições de cultura como “conjunto de representações coletivas próprias a uma sociedade” e de história cultural como “história social das representações” já estruturam os dois textos.

É aqui que importa refletir – de modo não menos culturalista – em termos de rede. O programa de 1981 aparecia no *Centre d’histoire de la France Contemporaine* da universidade de Nanterre, cuja personalidade dominante, René Rémond, era, naquele momento, orientador da primeira tese francesa sobre a história das *intelligentsias* (Jean-François Sirinelli) e da primeira tese francesa sobre a história das políticas culturais (Pascal Ory), mas também, como foi dito acima, orientador da tese de Paul Gerbod e editor do manual de Maurice Grubellier. Quando aparece, em 1987, um segundo programa-balanço, desta feita tomado a cargo dos poderes públicos²³, sua coordenação foi confiada a Jean-Pierre

²¹ *Bulletin Du Centre d’histoire de la France contemporaine*, 1981, n° 2.

²² ORY, Pascal. *L’Entre-deux-mai. Essai d’histoire culturelle de la France, mai 1968-mai 1981*. Paris: Le Seuil, 1983. O subtítulo da obra não significa que se trata de um ensaio ao estilo de Montaigne, mas sim de um estudo se colocando como pioneiro.

²³ RIOUX, Jean-Pierre (dir.) *L’Histoire culturelle de la France contemporaine, balances et perspectives de recherche*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication-IHTP, 1987.

Rioux, antigo *Nanterrois*²⁴. Será, entretanto, redutor ver nesta genealogia apenas uma filiação de história política: Robert Mandrou também era professor em Nanterre e os mestres de Ory, durante seus estudos universitários, foram somente François Lebrun e Jean Delumeau, este último, então, engajado (quer dizer desde o fim dos anos 1960) no programa, à maneira de Lucien Febvre, de uma história da *La Peur em Occident*. Havia, entre essas duas linhas, não uma simples convergência, mas uma imbricação, longe das leituras que impõem *a priori* a existência de duas definições diferentes, até mesmo opostas, da cultura, uma mais “política”, logo restrita e tradicional, e outra mais “antropológica”, logo aberta e moderna: é suficiente ler (mais se lê?) as obras de Maurice Crubellier de 1974 e de Pascal Ory de 1981 para ver que eles se colocam, de cara, na perspectiva antropológica.

A cronologia anglo-saxônica no fim da qual se cristalizou o projeto de *cultural history* é paralela à precedente, ainda que tenha sido totalmente independente no consciente dos atores contemporâneos, dito de outro modo, universitários ingleses e americanos. O lugar assinalado para o texto de Duby – o programa extemporâneo e sem continuidade – foi, neste caso, ocupado pela conferência de Ernst Gombrich, em 1967 – a versão editada foi equivalente àquela de Duby –, parte “*em busca da história cultural*”²⁵. Mas não é menos importante que este manifesto seja lançado no centro, para não dizer coração da história da arte (Warburg Institute) e, sobretudo, que ele seja fundamentado sobre uma prática – a muito lida História da Arte de Ernst Gombrich – cujo elitismo, esteticismo e a teologia não têm nada a ver com a perspectiva culturalista definida nos textos franceses²⁶ – em contrapartida, perspectiva da qual, para citar apenas um nome, Meyer Schapiro, seu contemporâneo exato, seria o mais

²⁴ N. T.: Nanterrois: originário de Nanterre.

²⁵ A conferência foi feita no quadro da Fundação Philip Maurice Deneke. Ela foi publicada dois anos mais tarde, *In Search of Cultural History*. Oxford: Clarendon Press, 1969, tr. fr. *En quête de l'histoire culturelle*. Paris: Gérard Monfort, 1992.

²⁶ É verdade que o título em inglês é *The Story of Art* (Londres: Phaidon Press, 1962), e não *The History of Art*.

próximo²⁷. Aí também o movimento historiográfico concreto é representado pelos trabalhos *in loco* de uma história social sensível à relação entre *culture* e *society*: Natalie Zemon Davis²⁸, Peter Burke²⁹ e Robert Darnton³⁰, tudo terminando numa imponente coleção de “Studies on the History of Society and Culture”, iniciada em 1984 na editora da universidade da Califórnia por Victoria E. Bonnell e Lynn Hunt, e o que é ao menos surpreendente, salvo erro, é que nenhum título foi até hoje traduzido para o francês³¹.

Desde então, as coisas são iguais por todos os lados, o papel destinado aos historiadores de Nanterre terá sido o mesmo jogado pelo grupo inglês dos *cultural studies*. Resumos: deslocados em relação à corrente central*, mesclados com a história política, porém geradores. A cristalização institucional deste se situa em 1962 junto à universidade de Birmingham, com a fundação do Center for Contemporary Cultural Studies, no seio do departamento de letras, notemos, porque não lhe falta significação e não é, até os dias de hoje, inconsequentemente. Mas a fundação teórica remonta aos anos 1950, por meio de três obras chave: *The Uses of Literacy* de Richard Hoggart³² – significativamente traduzido, logo interpretado, na França como *La Culture du pauvre. Étude sur Le style de vie des classes populaires em*

²⁷ Cf., por exemplo, os textos reunidos em SHAPIRO, Mayer. *Selected Papers*, IV, *Theory and Philosophy of Art: Style, Artist and Society*. New York: G. Braziller, 1994. Tr. fr. *Style, artiste et société*. Paris: Gallimard, 1982.

²⁸ ZEMON DAVIS, Natalie. *Society and Culture in Early Modern France*. Stanford: Stanford University Press, 1965. Tr. fr. *Les Cultures du peuple: rituels, savoirs et résistances au XVIe siècle*. Paris: Gallimard, 1982.

²⁹ BURKE, Peter. *Popular Culture in Early Modern Europe*. Londres: Temple Smith, 1978.

³⁰ DARNTON, Robert. *The Business of Enlightenment : A Publishing History of the Encyclopédie, 1775-1800*. Cambridge-Londres: Belknap Press, 1979. Tr. fr. *L'Aventure de l'Encyclopédie, 1775-1800: un best-seller au siècles des Lumières*. Paris: Perrin, 1982.

³¹ Além de outras numerosas monografias, *The New Cultural History e Beyond the Cultural Turn* (respectivamente em 1989 e 1999) nesta mesma coleção.

*O autor faz referência à Escola dos Anais (N.T.)

³² HOGGART, Richard. *The Uses of Literacy. Aspects of Working-class Life, with Special References to Publications and Entertainments*. Londres: Chatto and Windus, 1957.

*Angleterre*³³ –, *The Making of the English Working Class* de E. P. Thompson – do qual tudo está em *making of*³⁴ – e *Culture and Society* de Raymond Williams³⁵. Porém, por um lado, o projeto fixado de uma “nova teoria geral da cultura” (Williams) continuou a privilegiar a cultura literária³⁶; por outro, será preciso esperar os anos 1970 para que a fórmula atravessasse o Atlântico, revista e corrigida pela cultura política americana e, em particular, sua estruturação comunitária, os *american studies* tendo por vocação desembocar em *native* ou *afro-american*, os *cultural* em *gender* ou *postcolonial studies*. Sobretudo será preciso que, nestes mesmos anos, se faça o encontro com a antropologia, anunciada há muito tempo, mas que restou no estágio do *wishfull thinking*³⁷, para que os historiadores – e não somente os literatos, os sociólogos ou os inventores das “ciências da informação e comunicação³⁸” – tomassem sem inibição a palavra e a coisa.

Desde então, a função de interlocutor problemático, ocupado no interior dos *Annales* – por exemplo no número de 1971 da revista – por Claude Lévi-Strauss, foi preenchida por Clifford Geertz, cujo *The Interpretation of Cultures*, com seu conceito de “sistema cultural” e seu método da “descrição

³³ Apresentação e co-tradução de Jean-Claude Passeron, Paris : Minuit, 1970.

³⁴ THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. Londres: Pantheon Books, 1963, tr. fr. *La Formation de la classe ouvrière anglaise*. Paris : Gallimard/Le Seuil, 1988. O autor nos fala de um título imperfeito, mas que “tem o mérito de ser adequado”, então ele não é imperfeito (O gerúndio em inglês pode funcionar também como substantivo e no caso da obra de Thompson soa como “fazendo-se”, que é precisamente o sentido que o autor quis dar à história da classe operária inglesa -N.T.)

³⁵ WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society*. Londres : Chatto and Windus. 1958.

³⁶ Hoggart, que não esquece em seu projeto os “divertimentos”, é, como a maior parte de seus colegas, um professor de letras.

³⁷ Desde 1939, a American Historical Association consagrava sua conferência anual à *cultural history* (cf. WARE, Caroline - org. - *The Cultural Approach to History*, publicado em 1949). Os apelos para um trabalho mesclado entre história e antropologia pontuam a literatura epistemológica americana dos anos 1950 e 1960 (H. Stuart Hughes, Robert F. Berkhofer, etc.). Para por em prática, é uma outra história.

³⁸ A revista britânica *Cultural Studies* (Londres, Routledge) é lançada em 1987.

densa” (*thick description*), aparece em 1973³⁹. Não é sem importância que, durante alguns anos, Clifford Geertz tenha dado seminários em comum com Robert Darnton, e que este publicou *The Great Cat Massacre*⁴⁰. Pois, pensa-se que, na história das disciplinas científicas, existem claramente momentos circunscritos de modificações, de bifurcação ou de ruptura; um dos menos contestáveis é precisamente este evento comum aos dois ramos da árvore genealógica que foi a publicação, com alguns meses de intervalo entre os Estados Unidos e a França (1984-1985), desta obra interpretada por seu autor como para seus censores, como uma crítica do positivismo, mantido, paradoxalmente, na história canônica das “mentalidades”. Nota-se, uma vez mais, do lado francês, um significativo deslocamento de título, que transforma um programa de *cultural history* em uma ariana* enquête sobre as “atitudes e crenças na antiga França”⁴¹. O significado deste deslocamento se esclarece na introdução à edição francesa, na qual Darnton, falando do programa de *história das mentalidades*, verifica a necessidade de dizer que “a língua inglesa, que não comporta ainda um termo equivalente, utiliza aquele de história cultural na mesma medida que esta trata da nossa própria civilização como os antropólogos fazem para as culturas estrangeiras” (p. 9). Assim, Darnton, ao mesmo tempo em que assinala o fim de uma época, permite-nos vislumbrar a genealogia do nascente projeto – alguns anos mais tarde não será mais necessário inventar em inglês um termo “equivalente” para

³⁹ GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973. Na sua obra, *Local Knowledge, Further Essays in Interpretative Anthropology* (New York: Basic Books, 1983), Clifford Geertz definiria sua proposta de 1973 como “a proposição que os fenômenos culturais deveriam ser tratados como utilizadores de sistemas de significação (*significative systems*) pondo questões (*expositive*).

⁴⁰ DARNTON, Robert. *The Great Cat Massacre and Other Episodes in French Cultural History*. New York: Basic Books, 1984.

*Aqui o autor faz uma referência ao arianismo, dissidência religiosa dentro do cristianismo que pregava que Jesus era de natureza inferior àquela de Deus, N.T.

⁴¹DARNTON, Robert. *Le Grand Massacre des chats: attitudes et croyances dans l'ancienne France*. Paris: Robert Lafont, 1985.

história das mentalidades – e de melhor qualificar o duplo ramo germânico e francês.

A palavra e a coisa

Para chegar neste lugar, a história cultural teve, com efeito, de viver sucessivamente duas experiências, uma rica e outra frustrante, sucessivamente. A primeira remonta ao tempo fundador de nossa modernidade cultural e lhe tinha fornecido, com uma fórmula, um projeto ao qual ela se revelará periodicamente infiel. A segunda, mais recente, irá engajá-la numa linha que a desenvolverá, mas ao preço de uma obrigação teórica que acabará por emancipá-la.

Presente desde a metade do século XVIII no projeto de Voltaire do *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*, ilustrado pela Germaine de Staël *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, o novo programa recebeu definitivamente sua qualificação em terras francesas com *a Histoire de la civilisation en Europe* de François Guizot⁴². Toda uma historiografia, filha das Luzes, vai fazer teleologia de um processo histórico homogêneo e fazer um capítulo de sua enquete, explicitamente formulada, em tempos de democracia, no interior do plano de estudo do ensino obrigatório⁴³. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o historiador da arte Léon Rosenthal, sensível a esta dimensão – e, hoje em dia, quase totalmente esquecido, mas sem dúvida por outra razão –, podia diagnosticar que após o tempo da história das idéias, era “após vinte anos” a “história dos costumes e da civilização que lhe importava”⁴⁴.

⁴² GUIZOT, François. *Histoire de la civilisation en Europe*, publicado em 1828 e, depois, na França em 1832.

⁴³ A obra de Rambaud, assim como a de Charles Seignobos sobre o mesmo objeto, responde a uma questão presente no programa dos estabelecimentos de ensino primário e secundário.

⁴⁴ ROSENTHAL, Léon. *Du romantisme au réalisme : essai sur l'évolution de la peinture en France de 1830 à 1848*. Paris : H. Laurens, 1914, reedição Macula, 1987.

A alusão, de resto discutível, reenviaria sobretudo à historiografia germânica⁴⁵, claramente hegemônica sobre este terreno mesmo antes de Guizot, mesmo porque podemos remontar à Johann Gottfried Herder e, em particular, à seu *Idées sur la philosophie de l'histoire de l'humanité*, a bifurcação decisiva sobre a qual se funda sempre o trabalho culturalista: que possamos (é preciso) conjugar no plural a civilização, dita aqui *Cultur* ou *Kultur*, também no tempo e no espaço geográfico e no espaço social. Preciado por um Karl Dietrich Hüllmann, que designa à *Kulturgeschichte* a missão de levar seu interesse sobre a totalidade das produções humanas, sem a preocupação com o seu “status social⁴⁶”, o projeto atinge seu ponto culminante com um de seus alunos, Jakob Burckhardt. Notemos de passagem que a equivalência Civilização/Kultur é tal que o *Die Cultur der Renaissance* de 1860 será traduzido em francês por *La Civilisation de la Renaissance*⁴⁷.

Resta ainda que a teoria esteja longe da prática. Ao longo do século XIX, o primado do político continuou forte e foi no final de sua vida que Jules Michelet, por exemplo, fez a autocrítica de uma história “que falava de leis, de fatos políticos, não de idéias e de costumes⁴⁸”, escrevendo, com sua mão esquerda, uma *Feiticeira* que será menos lida por seus contemporâneos do que por aqueles de Carlo Ginzburg. O conceito de civilização, incluindo para os autores, na sua maior parte, o conjunto de instituições sociais, leva a uma forte tendência, desde Guizot, de fazer desta *Geschichte* uma “história sem fatos, sem datas, sem

⁴⁵ Germânica, mas não estritamente alemã, mesmo porque as contribuições da Europa central, da Suíça alemã, dos Países Baixos até mesmo a Escandinávia definiram um espaço intelectual coerente e aparentado.

⁴⁶ Cf. GILBERT, Felix. *History: Politics or Culture?* Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 46-47.

⁴⁷ BURCKHARDT, Jacob. *Die Cultur der Renaissance in Italien, ein Versuch*. Basel: Schweighauser, 1860, tr. fr. *La Civilisation en Italie au temps de la Renaissance*. Paris: 1885.

⁴⁸ Prefácio à edição de 1969 de sua *Histoire de France*. Paris: Robert Laffont, 1971.

nomes⁴⁹ e, como uma vertente sintética de uma história factual do político, em direção daquela, qual que ela seja, afluem numerosos batalhões de historiadores e de leitores.

Afinal, apesar das boas intenções de Hüllmann ou das grandes ambições de Gustav Klemm⁵⁰, o campo, como é abordado na época, aparece-nos datado com o devido recuo temporal. Evidentemente centrada no ocidente e, até mesmo instrumentalizada sem vitalidade pelo grande movimento nacionalista que subleva um século XIX delimitado pelo Congresso de Viena (1815-1819), esta historiografia, no espaço social de seu projeto, foi relegada ao nada em favor das produções rurais e de outra disciplina inferiorizada, o “folclore”, como também de produções modernas e urbanas, e mal conseguiu uma aceitação hierárquica na produção cultural, sobejamente ignorante, pois condescendente, com as produções vernaculares. A noção de *história intelectual* testemunhará esta restrição, sem resolver o problema; ela não conseguirá se estabelecer de modo duradouro⁵¹.

Enfim, mesmo quando ela se abre seriamente à vida cotidiana, aos usos e costumes, esta história o faz frequentemente sem grande rigor metódico, sem pesquisa documental. A generalidade não sustentada leva, ou seu inverso simétrico, ao anedótico arbitrário. Esta reserva é ainda sensível naquilo que, após Burckhardt, autor “suiço” (logo melhor aceito pelos franceses), figura desde sua tradução francesa na biblioteca dos homens corretos como dos anos 30 do século XX, *Le Crepuscule Du Moyen-Âge*, de Johan Huizinga, representante eloquente da versão holandesa – logo neutra – da história da cultura (aqui *Cultur*)⁵². Com efeito, a vertente da *Kulturgeschichte* é a de conduzir a uma psicologia muito

⁴⁹ É, significativamente, a crítica do jornal legitimista *La Quotidienne*, de 2 de junho de 1828; citado por TRONCHON, Henri. *La Fortune intellectuelle de Herder en France* (1919) Genebra: Slatkine, 1971, p. 463.

⁵⁰ KLEMM, Gustav. *Allgemeine Culturgeschichte des Menschheit*. Leipzig : 1843-1852, dez volumes.

⁵¹ Ver o destino solitário, na França, de Julien Luchaire.

⁵² O *Herfsttij des middeleeuwen* de 1919 foi traduzido sucessivamente por *Le Declin* (1932) e depois por *L'Automme Du Moyen Âge*. Paris: Payot, 1975.

geral ou uma filosofia da história, entre Wilhelm Dilthey e Karl Lamprecht⁵³, muito fecunda sobre o terreno da história da arte (Ary Warburg invocava Wilhelm Dilthey e é, de fato, a esta origem que Ernst Gombrich remete), mas muito capaz de desacreditá-la aos olhos de uma história positiva, que não concebe uma abordagem sintética além das formas canônicas ministradas por Fustel de Coulanges ou Theodor Mommsen. No fundo, tudo se passa como se cada um dos dois campos culturais tivesse atirado este primeiro projeto culturalista no sentido da tendência dominante: a política pelos franceses, e a filosofia pelos alemães.

Contudo, se a mudança para este tipo de disciplina está inscrita não somente na rejeição da filosofia da história, mas no declínio (a partir de 1918) e na queda total (a partir de 1933) da referência científica alemã, no longo período desta tradição, o terreno foi fecundado pela antropologia anglo-saxônica, chamada para jogar um papel decisivo no relançamento ulterior da terminologia culturalista. Esta antropologia, essencialmente determinada pelo modelo alemão, de fato, vai se construir como *ciência da cultura*, para retomar os termos daquele, que não é nada menos, que o primeiro capítulo do livro fundador de Edward Burnett Tylor, *Primitive Culture* – traduzido, evidentemente, em francês por *La Civilisation primitive*⁵⁴.

Sob esta luz que se pode melhor situar a contribuição de outro ramo historiográfico, focalizado sobre o conceito de *mentalité*. Ele parte também de um terreno europeu para influenciar a pesquisa anglo-saxônica, no entanto, ela se desloca, no século XX, e o movimento de aculturação é inverso: da antropologia para a história.

⁵³ Cf. MESURE, Sylvie. *Dilthey et la fondation des sciences historiques*. Paris: PUF, 1990 e CHICKERING, Roger. *Karl Lamprecht ; A German Academic Life *1856-1915*. Atlantic Highlanders: Humanities Press, 1993.

⁵⁴ A sequência do subtítulo da obra na sua versão inglesa é bem clara: TYLOR, Edward Burnett. *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom*. Londres: H. Murray, 1871. Nota-se que o tradutor em francês do tomo II, Barbier, foi também tradutor de Darwin.

Em termos estritamente institucionais, a era das “mentalidades” quase não excedeu o curto meio século, estendendo-se da escolha do conceito como referência na orientação dos estudos que Robert Mandrou – nada menos que o sucessor de Lucien Febvre – abre, em 1956, no interior da VIª seção da Escola Prática de Altos Estudos, até a interrupção da revista e da coleção colocadas sob o mesmo vocábulo⁵⁵. As razões para a relativa brevidade dessa experiência são muito fáceis de reparar; os signos de sua fecundidade são inegáveis. Essas duas características têm a mesma fonte: a história das mentalidades é uma produção da “Escola dos *Annales*⁵⁶”.

A revista de 1929 fixa, já se sabe, o programa de uma *história econômica e social*, e quando Marc Bloch se fez eleito, na Sorbonne, para uma cadeira de *história econômica*, isso repercutiu⁵⁷. O ambiente intelectual da geração fundadora não era, deste modo, indiferente a esta *representação* da sociedade que a sociologia universitária nascente acabava de fazer um de seus objetos⁵⁸. O projeto, propriamente dito, solitário de Bloch quando ele empreende, sob o golpe de sua experiência na Grande Guerra⁵⁹, *Les Rois thaumaturges*, se esclarece sob a luz de três epistemologias contemporâneas, que puderam dar movimento, no entre guerras, a toda uma nova historiografia: a etnologia de Lucien Lévy-Bruhl⁶⁰, seguramente, mas também a psicologia de Charles Blondel ou

⁵⁵ A revista *Mentalités : histoire des cultures et des sociétés* (1988-1993), dirigida por Robert Muchembled, junto a um pequeno editor, Imago; a coleção “*Mentalités, vécus et représentations*” (outra seqüência reveladora, sem dúvida, de certa confusão epistemológica) junto à Larousse (1988-1990).

⁵⁶ É em 1956 que George Duby, associado à Robert Mandrou na redação de uma nova versão do livro de Rambaud, abre um seminário na Universidade de Aix sobre as “mentalidades medievais”.

⁵⁷ Febvre é, por sua vez, eleito para o Colégio da França na cadeira de história da civilização moderna: diferença significativa.

⁵⁸ É às vésperas da Primeira Guerra Mundial, que se verá a focalização sobre o mental, quando o Durkheim das *Formes élémentaires de la vie religieuse* (1912) coloca, de passagem, o sagrado como “representação da sociedade”.

⁵⁹ Esta observação sai do dossiê apresentado por Jacques Le Goff no prefácio à reedição dos *Rois thaumaturges*. Paris: Gallimard, 1983.

⁶⁰ LÉVI-BRUHL, Lucien. *La Mentalité primitive*. Paris: Félix Alcan, 1922.

a sociologia de Maurice Halbwachs⁶¹, uma e outra, do meu ponto de vista, com evidentes relações com a mesma experiência traumática e coletiva: efeito, entre tantas outras, da “cultura de guerra⁶²”... Entretanto, após a publicação, em 1924, desse *estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder real*, pouco muda – essencialmente, sem dúvida, pelas razões de conformismo intelectual, agravado pelas lógicas institucionais. Os espíritos melhores dispostos ficaram na periferia do sistema: periferia disciplinar (Marcel Granet), institucional (Henry Berr)⁶³ ou, simplesmente, geográfico (Louis Gernet)⁶⁴.

Mas aqui não se trata simplesmente, como se poderia interpretar com alguns instrumentos sociológicos, de uma coalizão dos tradicionalistas, dos estabelecidos e dos medíocres. As “mentalidades” históricas naufragam sob contradições mais íntimas. Mesmo Marc Bloch não ultrapassa o estágio de uma análise em termos de *erro coletivo*. Será preciso esperar uma nova grande prova histórica – dupla: a do totalitarismo moderno e da Segunda Guerra Mundial – para que, por exemplo, seja relançado, por Ernst Kantorowicz, o programa de uma história empática das políticas simbólicas, quase ainda totalmente centrada sobre a dimensão intelectual (daí a fórmula de *teologia política*) do que propriamente antropológica⁶⁵. A segunda dimensão do *Rois Thaumaturges*,

⁶¹ BLONDEL, Charles. *La Mentalité primitive*. Paris: Stock, 1926, com um prefácio de Lucien Lévi-Bruhl; HALBAWCHS, Maurice. *Les Origines Du sentiment religieux d’après Durkheim*. Paris: Stock, 1925.

⁶² No seu prefácio da *La Mentalité primitive*, de 1921, Lévy-Bruhl nos ensina que, por volta de 1910, quando ele escrevia *Les Fonctions mentales dans les sociétés inférieures* (publicado neste ano, sob a égide, nota-se, de *L’Anée sociologique*), as “expressões *mentalidade* e mesmo *primitiva* não eram ainda entradas, como hoje, na linguagem corrente”.

⁶³ Berr joga, aqui e acolá, um papel menos de produtor do que de mediador, autor cujo projeto, por aquilo que nos concerne, acentua a dimensão psicológica. Ver BIARD, Agnès *et al.* (dir.) *Henri Berr et la culture du XXe siècle*. Paris : Albin Michel/CIS, 1997; CANDAR, Gilles et PLUET-DESPATIN, Jacqueline (dir.) *De la Revue de synthèse aux Annales*. Paris : Fayard, 1997.

⁶⁴ Cf. o prefácio de Jean-Pierre Vernant à GERNET, Louis. *Anthropologie de la Grèce antique*. Paris: Maspero, 1968.

⁶⁵ KANTOROWICZ, Ernst. *The Two King’s Bodies*, 1957, tr. Fr. *Les Deux Corps du roi*. Paris: Gallimard, 2000, com apresentação de Alain Boureau.

que vem a ser uma história do sobrenatural, irá esperar ainda mais tempo para ocupar o seu lugar nesse espaço e isso acontecerá devido a iniciativa de Febvre. Enquanto isso, é sobre o velho fundo racionalista que vai se ancorar uma hegemonia economista que, no após Guerra, a síntese bradueliana ampliará para uma dialética dos três “níveis”. Quando Fernand Braudel fala de civilização, é de uma *civilização material* – conceito que não conseguiu se enraizar⁶⁶.

Os trabalhos apresentados sob a bandeira de mentalidades, que insensivelmente substituem *civilisations* do subtítulo ternário da revista⁶⁷, serão feitos, desde o fim dos anos 1950, a partir de curiosidades, de intuições e de programas de Lucien Febvre, dialogando com Berr e ciências sociais. O mesmo Febvre criando a expressão *psicologia histórica* a partir de 1913, escrevendo sobre a *civilização*, o desde a primeira semana do Centro de síntese, em 1930, ou ainda, chamando atenção para uma história da *sensibilidade* desde 1938⁶⁸. É também o mesmo Febvre que, sobre objetos eruditos, serviu-se da ferramenta denominada “*utensílio mental*” (*outillage mental*), em particular, na segunda parte do seu *Rabelais*⁶⁹. De longe, é legal (isto é, legítimo) a Henri-Jean Martin fundar, sob a autoridade de Febvre, uma história não mais das cartas, mas do livro (*L’Apparition du livre*, 1958, dentro da coleção fundada por Henri Berr); a Robert Mandrou de introduzir sonelemente, arejado, um grande programa de *psicologia histórica* ou de uma pesquisa metonímica sobre a *cultura popular* – e, de resto, sua ambigüidade, análoga àquela das

⁶⁶ O livro de Fernand Braudel, *Civilisation matérielle et capitalisme*, será significativamente traduzido em inglês como *Civilization and Capitalism*.

⁶⁷ *Économies, sociétés, civilisations*. Nota-se que os *Annales*, no imediato pós-guerra, propõem como taxionomia das obras recebidas, seção “História da França”, a tripartição “História historicisante” (*sic*), “História econômica e social” e “História da civilização”.

⁶⁸ Febvre consagrou um grande esforço para analisar « *Civilisation, le mot, l’idée*” (*Pour une histoire à part entière*. Paris : Éditions de l’EHESS, 1982, p. 481-528).

⁶⁹- FEBVRE, Lucien. *Le Problème de l’incroyance au XVe siècle : la religion de Rabelais*. Paris : Albin Michel, 1942. *Un destin : Martin Luther* (Paris : Rieder, 1928) iniciou, de longe, o movimento.

mentalidades dissidentes da feitiçaria⁷⁰, etc. Como já foi visto, a grande época fecunda da historiografia das mentalidades se situa ao longo dos anos 1970. Há aqui muita coisa a dizer sobre o papel que jogou, neste processo de legitimação, a evidência historiográfica bem radical do tema da morte, de Alberto Tenenti a Michel Vovelle, passando por Philippe Ariès ou François Lebrun.

O enfraquecimento precoce da fórmula se deve, sem dúvida, sobretudo à sua fragilidade conceitual. Além disso, ela se situa no quadro de uma relação que poderíamos considerar privilegiada com a psicologia, que será curta (ao contrário do diálogo com a psicanálise a qual envia, em terras anglo-saxônicas, o revés institucional da *psychohistory*⁷¹). É visível que os historiadores tomam verdadeiramente a *mentalidade* ao mesmo tempo em que a antropologia a abandona⁷². Mas a problemática que ela determina também sofre a pressão da qual ela sempre teve dificuldade de se livrar, reflexo da hegemonia economista: a pressão de ser colocada numa relação de determinação, mais ou menos sutil, com as instâncias do biológico e, sobretudo, do econômico, este mesmo tendendo a assimilar o essencial do social. Deste ponto de vista, a ausência de um olhar de síntese que preside, em 1966, o colóquio sobre os níveis de cultura e grupos sociais⁷³ – cujas contribuições pareciam contradizer o pressuposto implícito –, pode ser interpretado como uma confissão: ainda hoje, gostar-se-ia de saber mais sobre a natureza da ligação, se é que há ligação.

⁷⁰ Cf. MANDROU, Robert. *Introduction à l'histoire de la France moderne, 1500-1640. Essai de psychologie historique*. Paris: Albin Michel, 1961, e seus trabalhos sobre a Bibliothèque bleue de Troyes e sobre o imaginário social dos magistrados face ao dos feitiçeiros.

⁷¹ É este diagnóstico que me parece que deve ser dado, com cuidado, sobre a tentativa identificada, em particular, na obra de Lloyd de Mause; ver a marginalização da revista *Mentalités*, animada por Norman Simms.

⁷² Que esta problemática seja monopolizada no pós-guerra pelo solitário Gaston Bouthoul que afirmou o seu descrédito.

⁷³ BERGERON, Louis (ed.). *Niveaux de culture et groupes sociaux*. Paris : Mouton, 1971.

Entretanto, como se vê freqüentemente em história das idéias, o programa “mentalidades” confirma, com a devida distância, uma evidente fecundidade induzida. Seu primeiro efeito é de ordem estritamente heurística: ele funcionou como uma autorização para o lançamento da enquete sobre objetos “sensíveis” – em todos os sentidos da palavra –, não visíveis pela velha historiografia, intelectualista e puritana, seja por eles mesmos (sexualidade, sensibilidade gustativa ou olfativa, etc.) seja pela extensão de seus questionamentos, não limitados às produções eruditas (morte, festividades, etc.) Seu segundo efeito é de ordem epistemológica no senso mais lato: a história das mentalidades serviu, no espaço, de lugar de encontro e, no tempo, de peneira para a transição de toda uma história social preocupada nuançar claramente o esquema marxista (Daniel Roche, Michel Vovelle, Jean-Louis Flandrin, Roger Chartier, etc.), refletindo nas relações entre *Ideologias e mentalidades*⁷⁴, que o esquema empático de Philippe Ariès, um *maurrissien** consciente e organizado, como não poderia deixar de ser – sabe-se melhor agora.

Primeiras hipóteses

E estamos de volta ao nosso ponto de partida. Existem duas vias de acesso à história cultural, tal como nós a definimos atualmente. Mas, existe, sobretudo, uma época comum a uma e a outra, na qual a nova terminologia se cristalizou.

Especialmente, seria, sem dúvida, possível esboçar uma leitura de alguma maneira geopolítica desta genealogia cruzada. A bipolarização *cultural studies/história cultural* corresponderia então a dois tipos de transferências culturais de conteúdos diferentes, até mesmo opostos, mas da mesma natureza: nos dois ares culturais, uma experimentação antropológica, incessantemente renovada de Tylor e da *cultura*

⁷⁴ VOVELLE, Michel. *Idéologies et mentalités*. Paris : Maspero, 1982.

* O termo faz referência aos seguidores de Charles Maurras, militante ultra-nacionalista, fundador e dirigente do jornal de direita *Action Française*. Pode-se resumir suas idéias em “ordem, razão e classicismo”, N.T.

primitiva à Lévi-Strass de *pensamento selvagem*, prepararia o terreno a uma curiosidade para os sistemas de representação; mas nos Estados Unidos a convergência se fez entre o marxismo da Escola de Birmingham e o desconstrucionismo de uma *French Teory* importada a partir de meados dos anos 1960, coerente porque era seletiva⁷⁵, acolhendo *estudos culturais* politicamente implicados (*involved*) e socialmente marginalizados; porém, na França ela se produziu entre a Escola dos *Annales* e outra espécie de “prática francesa”, fundada sobre uma experiência política de democracia estatal, pronta a tomar o conceito de cultura para torná-lo um lugar superior de negociação entre o príncipe (pouco a pouco relativizado em poder público) e o herói cultural (o artista, o erudito). Simplificando com dificuldades, poder-se-ia então dizer que a história da história cultural se remeteu a um jogo de três pólos: um pólo germânico, primeiro predominante e depois em declínio, de Herder a Gombrich; um pólo francês, de início dominado e depois modelar⁷⁶, de Guizot a Corbin; enfim, um pólo anglo-saxônico, filiando-se criticamente diante dos outros dois e que, pode-se imaginar, o século XXI que se inicia verá a sua instalação na posição hegemônica, sobre este plano e sobre todos os outros. De resto, seria preciso articular esta geopolítica de nações àquela das disciplinas e melhor mensurar os processos por meio dos quais o questionamento culturalista (frequentemente travestido de questionamento “sociológico”) tem, a partir dos anos 1970, balançado as três grandes historiografias da produção simbólica – história da arte, história das ciências, história das *idéias*: no mesmo ano de 1985, quando sai a tradução francesa do *Great Cat Massacre*, aparecem também respectivamente na França as obras fundadoras de Alain Viala, Dominique Pestre e Georges

⁷⁵ Sobre esta importação ver CUSSET, François. *French Teory*. Paris: La Découverte, 2003.

⁷⁶ Ele contribuiu para o declínio, em dois tempos (1918 e depois em 1933), da referência intelectual alemã, já assinalado. É ela que, por exemplo, permitiu e deu destaque à repentina visibilidade internacional dos filósofos franceses, herdeiros respeitáveis da filosofia alemã desenraizada e desacreditada: o sucesso internacional, a partir de 1945, de um Jean-Paul Sartre ou de um Raymond Aron é claro como aquele dos “filósofos alemães de língua francesa”.

Vigarello⁷⁷. Estas obras se ignoram; é justamente o olhar culturalista que pode notar suas similitudes. Aí está porque a grade de leitura, a mais útil, é ainda, parece-nos, uma grade temporal.

Esperando que a enquete vá mais longe, já se pode avançar sobre três linhas de interpretação. A mais claramente perceptível é, como sempre, a linha política. Uma pesquisa já antiga⁷⁸ nos permitiu descobrir, com uma grande precisão, o momento no qual o novo sistema conceitual (*cultura, cultural, cultura popular, ministério da Cultura, associações culturais, ação cultural, vida cultural, etc.*) se instala no léxico francês, em meados dos anos 1930. Numa tese de direito defendida alguns anos antes das eleições de 1936 (que veriam a vitória da Frente popular), um jovem jurista destinado a um belo futuro podia reconhecer, numa nota a seu primeiro uso do epíteto *cultural*, saído recentemente dos “escritos de teóricos marxistas e neo-marxistas”: “Nós empregaremos frequentemente esta palavra incorreta por causa de sua extrema comodidade⁷⁹”. A ligação desta cristalização com as grandes experiências políticas do entre guerras é, com efeito, sensível em vários índices. O projeto de uma *revolução cultural* figura já em Lênin, em 1923, e ele é glosado no seio de um movimento comunista internacional no início dos anos 1930⁸⁰. Ele floresce no campo magnético do comunismo em congressos e associações *para defesa da cultura* e outras *casas de cultura*, enquanto que, face ao fascismo de

⁷⁷ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain*. Paris: Minuit, 1985 ; PESTRE, Dominique. *Physique et physiciens en France : 1918 : 1940*. Paris: Archives contemporaines, 1985 ; VIGARELLO, Georges. *Le propre et le Sale : l'hygiène du corps depuis le Moyen Âge*. Paris : Le Seuil, 1985.

⁷⁸ ORY, Pascal. *La Politique culturelle du Front populaire français (1935-1938)*. Tese de doutorado de Estado: Universidade Paris-X, 1990 ; versão reduzida em *La Belle Illusion. Culture e Politique sous Le signe du Front populaires*. Paris: Plon, 1994.

⁷⁹ BLOCH-LAINÉ, François. *L'Emploi des loisirs ouvriers et l'éducation populaire*. Tese de doutorado de direito: universidade de Paris, 1936. O autor retornará sobre este episódio nas suas memórias (*Profession fonctionnaire*. Paris: Le Seuil, 1976), escritas sob as luzes do sucesso do novo vocabulário.

⁸⁰ KURELLA, Alfred. *La Révolution culturelle : les conditions préalables et les premiers pas d'une culture socialiste de masse en Union soviétique*. Tr. fr. Bureau d'éditions, 1931. O marxista Lênin e o leninista alemão Kurella são evidentemente são alimentados pelas referências acadêmicas alemãs.

Mussolini, foi alimentado de toda uma retórica emprestada do movimento operário; e não há dificuldade alguma em recuperar esta noção de *cultura popular* para um projeto de longe qualificado explicitamente, logo positivamente, de “totalitário” (*ministère de la Culture populaire*, chamado “Minculpop”, 1937). Mas o que aparece *a posteriori* como lugar estratégico no qual tudo é sem dúvida centralizado, dotado de um dinamismo próprio e único capaz de superar a comoção da Segunda Guerra, é um terceiro lugar, através do qual converge certo cristianismo social, preocupado com a *educação popular*⁸¹, e diversas tendências da esquerda não comunista, entre marxismo revisionista⁸² e humanismo “genebrino”, colocando adiante a reflexão sobre os lazeres⁸³.

É esta última linha, relançada após a queda do fascismo pela dinâmica da ONU (UNESCO, 1945), que esclarece o “new look” do quai d’Orsay*, primeira instituição oficial francesa a retomar por sua conta a fórmula (*Direção geral das relações culturais*, 1945). No seio de uma esquerda mais ou menos embebida de marxismo, os debates, mas também as iniciativas, tanto no Reino-Unido como na França, em torno das relações entre *Povo e cultura*, entre *Trabalho e cultura*, entre *Culture and Society*, preparam o terreno para uma ocupação do espaço terminológico, logo simbólico, encorajado na França pelo sucesso imprevisto da instauração ministerial, sob a égide da Vª República. Em menos de uma década, a ligação é claramente tomada por coletividades locais e movimento associativo, estruturador de uma “sociedade civil”. Depois de tudo, não se pode fazer como se André Malraux, primeiro ministro francês dos assuntos culturais (1959), não

⁸¹ É a filiação intelectual de Bloch-Lainé. A fórmula é comum a este meio e ao do sindicalismo, principalmente o não comunista.

⁸² Alusão explícita, já vimos, junto a Bloch-Lainé, traduzida pela obra de Henri Man, citada na bibliografia de sua tese para *L’idée socialiste*, traduzida em francês em 1935.

⁸³ A Organização Internacional de Cooperação Intelectual (OICI), ancestral da UNESCO, aclimata a reflexão sobre a educação popular e a *organização do lazer*: esta última formulação figurará pela primeira e última vez na terminologia governamental com a administração Blum de 1936 (Léo Lagrange).

* Local onde se encontra o Ministério do Exterior, N. T.

tivesse sido, antes da guerra, companheiro de rota do Partido comunista, militante da *Casa da cultural* e leitor de Walter Benjamin da *L'Œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique*. Se, nas três novas democracias da Europa do sul dos anos 1970 (Grécia, Portugal, Espanha), o modelo francês desempenha seu papel, em escala internacional, o Conselho da Europa e a UNESCO empregam a globalização dos quadros franceses de *desenvolvimento cultural* e de *política cultural*⁸⁴ com um sucesso mitigado. Mas que esta dinâmica ultrapassa os limites da experiência francesa, vê-se que apenas pelas provas, de uma parte, a cristalização da experiência maoísta, verão de 1966, em torno do slogan da *Grande Revolução cultural proletária*⁸⁵, que foi também a última metamorfose da filiação germânica ou, ainda, o sucesso póstumo das teses do último Gramsci e, de outra parte, a aculturação além-Atlântico de um projeto militante claramente radical, no sentido inglês.

Enquanto fórmula ou como projeto, a História Cultural se encontrava em terras familiares, graças ao trabalho anterior das ciências sociais americanas. Houve claramente, com efeito, um modo americano de apropriação e aproximação da história cultural. Contido no Reino-Unido essencialmente no seio de pequenos círculos intelectuais da/à esquerda do Trabalho – ainda que na França a porosidade da rua de Valois*, por exemplo, para diversos discursos esquerdizantes até mesmo esquerdistas é clara desde 1959 –, o debate em torno da cultura se fecha nos campos americanos. Os *cultural studies* são tipicamente um movimento de campus, às vezes

⁸⁴ Em 1967, a UNESCO começa a publicar uma *Histoire du développement culturel et scientifique de l'humanité* (edição francesa, Paris : Robert Laffont), da qual um de seus autores é Caroline Ware. Após uma mesa redonda em dezembro do mesmo ano, a UNESCO publica entre 1969 e 1986 uma série de monografias oficiais *Politiques culturelles. Études et documents*. O diretor na época, René Maheu, foi influenciado, sem dúvida, pelo modelo político francês. O Conselho da Europa, com sede em Estrasburgo, edita por seu turno o periódico *Politiques culturelles* entre 1976 e 1988.

⁸⁵ Tradução internacional, logo inglesa, de um *wenhua* (cultura) que, no vocabulário chinês, parece ter seguido a mesma derivação que no Ocidente, do individual ao coletivo.

* O autor faz referência ao local onde se encontra o Ministério da Cultura, N.T.

violento, pelo radicalismo de seu questionamento dos valores fundadores (dos Estados Unidos, do Ocidente e até do humanismo tradicional), e produtivo, pelos múltiplos fronts pioneiros que abriu, mas, ao mesmo tempo, circunscrito a um espaço sem grandes ligações, quase isolado, numa cultura de massa e no fundo da sociedade civil americana; em suma, este espaço *acadêmico*, misto de ciência e de instituição, que a língua francesa – compreendamos: o sistema conceitual, logo o sistema social, francês – traduzido imperfeitamente por *universitário*.

Logo, para dar conta do repentino abandono da referência às mentalidades, do sucesso dos *cultural studies*, e ao mesmo tempo de seu confinamento, e, enfim, da convergência em direção à fórmula culturalista em história, é preciso intervir com uma segunda leitura, propriamente cultural. Em outros termos, ela se fundara sobre um movimento social, por sua vez, irreversível e de longa duração, pois mensurável em séculos, mas se exprimirá por uma inversão dos sistemas de representações, que se reporta à nossa preocupação presente e é apenas sensível na escala de decênios. Traduzamos: o sucesso do culturalismo se coloca em relação, de um lado, com uma dinâmica democrática, que se pode remontar ao início do Iluminismo reinterpretado pelo romantismo, e, de outro, com a crise das grandes narrativas. Não se pode mais, com efeito, deixar de estabelecer uma ligação entre a onda culturalista e o longo e crescente movimento de legitimação das formas, até o momento, minoritárias da dita cultura, dos modos e das formas de representação as mais triviais, as mais vernaculares. O romantismo foi portador deste movimento, em nome de um gênio coletivo dos povos, da mesma maneira que o movimento surrealista, para citar apenas este, verdadeiro romantismo do século XX. Do folclore à *art brut*, passando pelo fenômeno pouco estudado até agora das “philies” (filias)⁸⁶, toda uma dinâmica solapou o sistema construído pela Renascença em torno das belas-artes, das

⁸⁶ - Os trabalhos de Christophe Gauthier, de Antoine de Baecque e de Ludovic Tournes esclarecem o nascimento dos movimentos dos cinéfilos e dos amantes do jazz na França.

humanidades e da ciência. Em termos historiográficos, a passagem se fez em terra anglo-saxônica em torno das *popular arts*⁸⁷, segunda era da Escola de Birmingham, muito identificável com a obra de Stuart Hall⁸⁸; e, em terra francesa, fora da Universidade, com o florescimento de contra-escolas voltadas para a legitimação do cinema e da fotografia, da história em quadrinhos, do jazz ou da música...: todo um movimento levado, precisamente, pelos grupos ideológicos situados à margem do sistema dominante (na França um pouco de cristianismo social e muito esquerdismo tingido de surrealismo). Na mesma época, o caminho alemão desemboca sobre o projeto de uma *história do cotidiano*⁸⁹.

Não se poderia encerrar tal movimento no domínio estético. Ele toca mais largamente ao conjunto da visão que tem as ciências sociais sobre o funcionamento de todas as sociedades, presentes e passadas, ao preço, às vezes, de uma explosão, valorizada ou não, das fronteiras disciplinares (exemplo típico: a indeterminação disciplinar, mais ou menos assumida, de Michel Foucault). Isto testemunha a convergência, sobre este terreno de qualquer maneira escolhido, de diversas epistemologias tendo em comum a contribuição, além das consideráveis diferenças, até mesmo contradições de método e ideologia, para a invenção de novos objetos e/ou ao desencantamento⁹⁰ das narrativas, até o momento dominantes.

Assim, o fim dos anos 70 não é por acaso o momento que propus chamar de “revolução de 1975” – entre a queda

⁸⁷ HALL, Stuart e WHANNEL, Paddy. *The popular arts*. Londres: Hutchinson Educational, 1964.

⁸⁸ Cf. MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (dir.) *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres: Routledge, 1996.

⁸⁹ O programa de *Alltagsgeschichte*, que pertencia ainda à lógica da história social, é claramente colocado por Peter Borscheid a partir de 1983.

⁹⁰ Neste estágio e neste quadro talvez importe lembrar que a fórmula não é devida nem a Marcel Gauchet nem mesmo a Marx Weber, mas àquela emprestada de Schiller, dito de outra maneira, a um poeta, duplê de um político.

* O autor faz referência ao período de 1945 a 1974, de forte crescimento econômico francês, N. T.

de Saigon e o *Arquipélago de Gullag* –, que viu o fim do ciclo cultural mais ou menos de 30 anos homólogo dos Trinta Glorieuses⁹¹, ao qual, sob reserva de inventário, darei a qualificação de ciclo progressista, saindo dele um novo ciclo, ao qual qualificarei também provisoriamente, como de revisionista⁹¹. A época, sempre mais imaginativa que todos os seus historiadores, forjou, de resto, em torno da fórmula de pós-moderno um tipo de análise cuja ambiguidade assumida dá muito bem conta do desafio. Diante de tal quadro, o culturalismo pode agora aparecer como uma resposta adequada ao trabalho de desencantamento da antropologia (mais da geração de Lévi-Strauss do que de Geertz) como também da sociologia, não menos “cultural” que a precedente (Pierre Bourdieu), uma e outra acompanhadas, como batedores, do “pequeno empreendimento”, mais solitário mas não menos notável, de um Roland Barthes, de um Michel Foucault ou de um Jacques Derrida. Mas sob a condição de antecipar, pela leitura do desenvolvimento do novo ciclo, sobre a interpretação desse desencantamento: ele terminou, logicamente, por tocar os próprios desencantadores – é, por exemplo, todo o sentido da diferença entre a sociologia de um Pierre Bourdieu e aquela de um Bernard Lehire.

É sobre este ponto que se esclarece, de uma parte, a voga, um pouco confinada no espaço corporativo, da *microstoria*, posterior aos anos de cristalização aos quais se limita este texto, dito de outro modo, uma historiografia que pretende restaurar a autonomia dos atores numa situação, mas também e sobretudo, o sucesso, de longe mais significativo que, de acordo com o caso, tardio (ver Norbert Elias), postumamente relativo (reabilitação ao modo de Marx Weber), ou postumamente absoluto (invenção completa, como Walter Benjamin) de sistemas interpretativos até aqueles momentos pouco conhecidos, quer dizer, desprezados – ou abandonados como vencidos no campo de batalha acadêmico. Ora, estes sistemas têm em comum a relativização da dominação

⁹¹ - Em 1983, a hipótese dessa modificação figurava já em *L'Entre-deux-mai*, op. Cit. Nada permite ainda, vinte e cinco anos mais tarde, ela ser recusada.

intelectual, típica do ciclo progressista, da dupla determinismo econômico (reservada de fato ao campo histórico)/religião cultural (reservada de fato à produção cultural, confiada às mãos dos especialistas em história qualitativa: artes, ciências, idéias). Isto só para citar estas duas exceções, por mais discutidas e discutíveis que elas sejam, é claro que as hipóteses de Max Weber sobre as relações entre ética protestante e o capitalismo e aquela de Siegfried Kracauer sobre a ligação que pensa existir entre *De Caligari à Hitler*, funcionam mais do que nunca, hoje, como provocações ao debate, sem dúvida, mas também, como à pesquisa, longe das excomunhões condescendentes. Para um último retorno à historiografia, notou-se, de passagem, que estas últimas referências reenviam a este grande continente, hoje perdido, da produção intelectual germânica, aquela mesma que fundou a questão da qual se tentou um primeiro sobrevôo.

Em suma, em um tempo em que certas análises colocam claramente a aceleração e a predominância sobre toda outra linha de dois processos modernos de individuação e globalização (no sentido planetário), a leitura culturalista poderia bem ainda ter alguns bons anos adiante. De qualquer modo, vinte anos após o lançamento decisivo do movimento, é esta articulação entre historiadores e sociedade que é importante continuar a analisar, e de um duplo ponto de vista: retrospectivo e prospectivo. Do ponto de vista da historiografia, o ensaio que terminamos de ler, e que não tem outro mérito senão de não ter sido tentado⁹², deve ser continuado por uma série de estudos mais refinados, tendo particularmente por objeto a circulação de conceitos entre disciplinas. Do ponto de vista da epistemologia, que é mais importante no momento e, para o autor destas linhas, urgente, parece ter chegado a hora de aplicar à síntese entre aquilo que aparece menos como duas escolas de história cultural – no sentido de velhas categorias de história da arte: uma “anglo-saxônica, uma “francesa” – do que como

⁹² - Contrariamente às aparências, este texto não retoma o capítulo historiográfico da obra ORY, Pascal. *L'Histoire culturelle*. Paris: PUF 2004.

Pascal Ory

dois estilos, o método culturalista que é teve tanto êxito até agora: a performatividade.

Aos leitores brasileiros

Estou contente de ver traduzido este texto que, de fato, representou uma primeira tentativa na França de edificação de uma “história da história cultural”, condição para o desenvolvimento posterior desta disciplina. O Brasil terá um papel importante no século XXI neste desenvolvimento que, veremos, é distinto – às vezes relacionado – daquele dos “cultural studies”. A construção, sob nossos olhos, de uma cultura científica planetária significará, mais e mais, a emergência de outros centros epistemológicos além daqueles dos Estados Unidos e da “Velha Europa”. Estou muito feliz.

Pascal Ory

A história cultural tem uma história

Pascal Ory

Resumo: O artigo desenvolve três conjuntos de argumentos para tratar a história cultural. O primeiro consiste na formação contemporânea do campo que se dá em finais dos anos sessenta. O segundo trata de uma “pré-história” da história cultural, demonstrando que tanto temáticas quanto procedimentos, caros ao campo, já foram apresentados em vários momentos desde o século XVIII. Finalmente, o texto trata do uso e das definições do termo cultura no século XX.

Palavras-chave: história cultural; historiografia; cultura

Abstract: This article develops three groups of arguments about cultural history. The first is about the contemporary “making” of the field, which happened at the end of the 1960’s. The second deals with a “pre-history” of cultural history, showing that both themes and procedures practiced by those

in this field, have been presented in several moments from the 18th Century on. Finally, the text deals on the uses and definitions of the term “culture” during the 20th Century.

Keywords: Cultural history; historiography; culture

Recebido em 27/10/2009

Aprovado em 18/12/2009